



Artigo

A CONSTRUÇÃO DE UMA POÉTICA ABOLICIONISTA ATRAVÉS DO ATENTADO COMO LINGUAGEM: O TRABALHO DA CIA DXS TERRORISTAS COM MULHERES TRANS E TRAVESTIS SOBREVIVENTES DO CÁRCERE

***THE CONSTRUCTION OF AN ABOLITIONIST POETICS VIA ATTACK
AS LANGUAGE: THE WORK OF CIA DXS TERRORISTAS WITH TRANS
AND TRAVESTI WOMEN WHO ARE SURVIVORS OF PRISON***

***LA CONSTRUCCIÓN DE UNA POÉTICA ABOLICIONISTA
MEDIANTE UN ATENTADO COMO LENGUAJE: EL TRABAJO
DE LA CIA DXS TERRORISTAS CON MUJERES TRANS
Y TRAVESTIS SOBREVIVIENTES DEL ENCIERRO***

Thaisa Schmaedecke

Thaisa Schmaedecke

Pesquisadora e arte educadora. Mestre em Artes da Cena pela Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás (EMAC/UFG). Sua pesquisa perpassa pelas noções de teatralidade testemunhal, abolicionismo penal e corpo político.

E-mail: thaisams.ms@gmail.com

Resumo

Este artigo foi desenvolvido a partir da pesquisa de mestrado em Artes da Cena *Teatro e cárcere: a dimensão pública da obra da CiA dXs TeRrOrlsTaS*, realizada na Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás. Propõe refletir, a partir do pensamento abolicionista endossado por Ângela Davis e da noção de precariedade abordada pela filósofa estadunidense Judith Butler, o que caracteriza, em pleno século XXI, ser uma Cia abolicionista penal no Brasil e como o trabalho abolicionista se presentifica nas criações artísticas da CiA dXs TeRrOrlsTaS, em especial na desmontagem do espetáculo teatral *Anjos de Cara Suja: o sol é ou deveria ser para todas*.

Palavras-chave: abolicionismo penal; relação comunitária; poética abolicionista; corpo político.

Abstract

This study was developed from Master's research in Performing Arts called *Theater and Prison: the Public Dimension of the Work of CiA dXs TeRrOrlsTaS*, carried out at the School of Music and Performing Arts at the Federal University of Goiás. It aims to reflect, based on Angela Davis' abolitionist thought and American philosopher Judith Butler' notion of precariousness, on what characterizes a penal abolitionist company in Brazil in the 21st century, and how the artistic creations of CiA dXs TeRrOrlsTaS embody abolitionist practices, especially in restaging the play *Anjos de Cara Suja: o sol é ou deveria ser para todas*.

Keywords: penal abolitionism; community relations; abolitionist poetics; political body.

Resumen

Este artículo forma parte de la investigación de Maestría en Artes Escénicas *Teatro e cárcere: a dimensão pública da obra da CiA dXs TeRrOrlsTaS*, realizada en la Escuela de Música y Artes Escénicas de la Universidad Federal de Goiás (Brasil). A partir del pensamiento abolicionista respaldado por Angela Davis y de la noción de precariedad abordada por la filósofa estadounidense Judith Butler, se propone reflexionar sobre qué caracteriza, en pleno siglo XXI, a una compañía abolicionista penal en Brasil y cómo el trabajo abolicionista se manifiesta en las creaciones artísticas de la CiA dXs TeRrOrlsTaS, en especial en la remontaje de la obra teatral *Anjos de Cara Suja: o sol é ou deveria ser para todas*.

Palabras clave: abolicionismo penal; relación comunitaria; poética abolicionista; cuerpo político.

Introdução

De acordo com Oscar Cornago, Silvia Fernandes e Julia Guimarães (2019, p. 13), um dos traços mais significativos das produções cênicas no início do século XXI é a interlocução que elas estabelecem com contextos sociais e históricos específicos, aspecto que o autor denomina de “qualidade pública da obra.” Essa expansão das práticas artísticas contemporâneas ao contexto em que se inserem, além das experiências testemunhal e documental recorrentes nas artes da cena, foram aspectos determinantes na escolha da Cia dXs TeRrOrlsTaS como objeto de pesquisa de mestrado em Artes da Cena, realizado pela Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás. Com o título *Teatro e cárcere: a dimensão pública da obra da Cia dXs TeRrOrlsTaS*, a pesquisa analisou a dimensão pública (Cornago; Fernandes; Guimarães, 2019, p. 12) de dois projetos desenvolvidos pela Cia: *TRANSgressoras ou como recuperar o fôlego gritando* (2020-2021) e *Fractos Corpografados: vicissitudes de uma teatralidade abolicionista fractal* (2022-2023), realizados com mulheres trans e travestis egressas do sistema prisional.

Nesses dois projetos, a teatralidade “entendida como um discurso e uma estratégia que atravessa o teatro e o transcende, possibilitando inclusive a expansão e o deslocamento dos limites do teatral e do artístico” (Diéguez, 2014, p. 125) configura-se como um dispositivo que investe não somente na esfera das relações humanas, como na relação direta da obra com o ambiente que a circunda, o que Paul Ardenne descreve como arte contextual (Ardenne, 2004 *apud* Fernandes, 2019). Contudo, embora as produções realizadas pela Cia rompam com a noção de espetáculo, gerando uma diversidade de materialidades artísticas, este artigo propõe, a partir do pensamento abolicionista endossado por Angela Davis e da noção de precariedade abordada pela filósofa estadunidense Judith Butler, analisar o trabalho desenvolvido pela Cia, com ênfase no espetáculo teatral *Anjos de Cara Suja: o sol é ou deveria ser para todas* e em sua desmontagem, apresentada em junho de 2024 no XI MODIVE-SE, Mostra da Diversidade Sexual de Campinas (SP), realizada pelo Instituto Ideia Coletiva, o qual pude prestigiar como espectadora. Propõe também refletir como se constrói, por meio da linguagem teatral, uma poética abolicionista. Quais motivações

impulsionam essa investigação? Quem são os sujeitos mobilizados por ela? E o que pode o teatro diante de tais questões?

Fundada em 2016 pelo artivista, *performer* e pesquisador Murilo Gaulês, a CiA dXs TeRrOrlsTaS emerge da necessidade de os primeiros integrantes do grupo, formado por pessoas LGBTQIAPN+ relacionadas com o fazer artístico, produzirem manifestações ativistas, por meio das artes da cena, na luta pelos direitos das pessoas LGBTQIAPN+ e outras minorias maiorizadas. Desde que foi fundada, a Cia cria o que chamam de “terrorismos poéticos”, intervenções artísticas inspiradas no conceito do filósofo anarquista alemão Hakim Bey como forma de reagir ao sistema patriarcal, heteronormativo e capitalista estabelecido.

A partir da ideia de atentado como linguagem, presente inclusive na própria grafia da CiA dXs TeRrOrlsTaS – que extrapola a norma culta da língua portuguesa na tentativa de comportar a pluralidade de identidades que compõem o coletivo –, o grupo propõe um atentado a essa lógica excludente que privilegia poucos e minoriza muitos, interseccionando práticas e linguagens, sejam elas artísticas ou não, na produção de ações políticas de âmbito ativista (Gaulês, 2023b, p. 198). Desde 2020, contudo, os atentados poéticos da Cia, que tinham como luta a liberdade de “corpas”¹ dissidentes somam-se à luta abolicionista penal e a práticas de justiça que não reproduzam violência contra corpos subalternizados.

Por uma poética abolicionista da CiA dXs TeRrOrlsTaS

Caracterizada por uma prática que dilui as fronteiras entre o campo artístico e o campo das práticas sociais, na cena do real, a CiA dXs TeRrOrlsTaS produziu nos últimos cinco anos uma série de materialidades artísticas relacionadas à luta antiprisional, desenvolvidas com mulheres trans e travestis sobreviventes do cárcere: o podcast *Radio TRANSgressoras*, o curta-metragem documental e o livro de poemas e relatos *Como recuperar o fôlego gritando*, a dramaturgia e o espetáculo teatral *Anjos de Cara Suja: o sol é ou*

¹ O termo “corpas” é usado aqui para se referir ao corpo de mulheres transsexuais e travestis, problematizando a cisgenderidade presente na linguagem.

deveria ser para todas, a performance *Fracto 111 - Pátria amada ou nossa bandeira sempre foi vermelha de sangue + 1000 litros de preto* e o video-documentário *A casa da F.U.R.I.A. - Quando os anjos tentaram lavar seus rostos*, resultantes dos projetos *TRANSgressoras* e *Fractos Corpografados*, além do mais recente trabalho *Tudo Gente, audiotour* cênico realizado no Parque da Juventude, onde se situava a Casa de Detenção de São Paulo, o antigo Carandiru. Em todas essas ações, o coletivo atravessa a linha fronteiriça que divide representação e apresentação do real em cena, por meio da tensão entre ficção e realidade, mobilizando reflexões profundas acerca do espaço mais opressor deste modo de organização social do qual fazemos parte: a prisão.

Para responder às questões que norteiam a escrita deste texto e que buscam compreender como se constrói uma poética abolicionista, considerei imprescindível abordar o ponto de partida adotado pela CiA dXs TeRrOrIsTaS para desenvolver os processos criativos junto às sete mulheres trans e travestis egressas do sistema prisional selecionadas para participarem do projeto *Fractos Corpografados* e, assim, comporem o elenco do espetáculo *Anjos de Cara Suja: o sol é ou deveria ser de todas*. Com o intuito de fortalecê-las psicológica, social, afetiva, física e financeiramente, foram ofertadas oficinas nas múltiplas linguagens artísticas, como o teatro, a dança, o cinema e a música. Essas atividades formativas faziam parte do que a Cia chamou de metodologia fractal, cuja proposta envolvia duas frentes de trabalho: oferecer oficinas e formações técnicas às participantes e repertoriá-las com trabalhos artísticos relacionados ao cárcere, seguidos de debates.

Em ambas as frentes o que se propunha era uma aproximação com a linguagem teatral, fomentando uma formação política, o que foi possível a partir de parcerias estabelecidas entre a Cia e uma diversidade de profissionais das artes, originários dos mais diversos grupos e coletivos de longa trajetória na cidade de São Paulo que compartilharam seus saberes e tecnologias, além de oferecerem acesso a espetáculos e performances relacionados ao cárcere e à luta antiprisional, pertencentes à programação do 3º Festival *POWlítico de Corpas Rebeldes - Toque de recolher*, um festival fomentado e produzido pela própria CiA dXs TeRrOrIsTaS com a intenção de repertoriar o elenco de *Anjos de Cara Suja*, cuja formação incluía pessoas que nunca haviam ido ao teatro.

Foi por meio do acesso às produções cênicas e às atividades formativas que se estabeleceu um espaço de expressividade onde fosse possível, diante das interdições e dos sistemas e estruturas de exclusão e apagamento, a construção de corpos políticos capazes de denunciar e nomear as violências da rotina cotidiana em busca de outras formas de existir. O espetáculo, criado como dispositivo de denúncia e enfrentamento em direção à luta antiprisional, foi estruturado a partir do deslocamento de quem sempre esteve à margem – ou seja, as testemunhas reais do sistema prisional – para o epicentro da obra.

Dessa forma, ao propor que as vozes das próprias sobreviventes do cárcere ecoassem no combate a narrativas institucionalizadas, proliferadas por instituições familiares, religiosas, governamentais e midiáticas que naturalizam a existência da instituição prisão, reforçando a ideia equivocada de que sua existência reduz a violência; e no combate a discursos em defesa da tortura, do trabalho forçado, da pena de morte, da ideia de que “bandido bom é bandido morto” e tantos outros discursos violentos e estigmatizantes, a Cia dXs TeRrOrIsTaS reivindica uma estratégia de relação que expande o campo das artes e problematiza a representação em todas as suas formas.

É por meio do entrecruzamento entre arte e vida, da renúncia da espetacularidade em benefício do encontro – mais do que das elaborações estéticas – e da valorização da presença de corpos reais representando identidades coletivas e escancarando a crise do encarceramento no Brasil (e no mundo) que o trabalho das TeRrOrIsTaS se estabelece. É essa dimensão política que a faz uma Cia abolicionista penal, pois é a partir da relação comunitária que essa luta se constrói e se fortalece.

Cena e contexto na poética abolicionista TeRrOrIsTaS

Ao investir na esfera das relações humanas e trabalhar em comunidade como estratégia de pertencimento, a Cia possibilitou que essas mulheres sobreviventes do cárcere pudessem criar novos imaginários sobre quem elas são, rompendo com a ideia cristalizada de que são corpos maus, merecedores de serem punidos e privados de liberdade. Reverter essa relação de culpa, que todas carregavam, e fazê-las compreenderem que os mesmos corpos que cometem dor, que desviaram de uma normativa preestabelecida,

são potencialmente expostos à precarização foi fundamental para que lhes fosse devolvida a consciência de que seus corpos também são capazes de produzir humanidade. Considerar a afirmação de que “há ‘sujeitos’ que não são exatamente reconhecíveis como sujeitos e há ‘vidas’ que dificilmente – ou, melhor dizendo, nunca – são reconhecidas como vidas” (Butler, 2020, p. 17) e escancarar a distribuição diferencial da precariedade que coloca algumas vidas em maior risco de sobrevivência em relação a outras foram estratégias usadas pela Cia para lidar com a culpa e para despertar no coletivo a necessidade por “transformações do *corpus social*” (Martins, 2023, p. 16-17).

Dessa relação comunitária, que envolve um processo de reconhecimento e de identificação umas com as outras, estruturou-se o trabalho das TeRrOrlsTaS junto a essas mulheres. A partir dos processos de reafirmação de suas existências, potências e humanidades e da importância dada à escritura de suas histórias, de modo a fazer ressoar a afirmação abolicionista de que “todo preso é um preso político”, o processo de criação da dramaturgia e do espetáculo *Anjos de Cara Suja* foi se constituindo com um propósito político amplo e complexo: pensar política e esteticamente o que pode ser construído no lugar das prisões. Essa é uma questão, no entanto, que provoca cisões no movimento antiprisional; afinal, se há o consenso entre essas pessoas de que a prisão deve ser abolida, o que fazer com aqueles que cometem crimes, que violarem as normas sociais? E quais são as estratégias de desencarceramento debatidas por ativistas abolicionistas?

Segundo Davis (2018, p. 15), a prisão

funciona ideologicamente como um local abstrato no qual os indesejáveis são depositados, livrando-nos da responsabilidade de pensar sobre as verdadeiras questões que afigem essas comunidades das quais os prisioneiros são oriundos em números tão desproporcionais. Esse é o trabalho ideológico que a prisão realiza — ela nos livra da responsabilidade de nos envolver seriamente com os problemas de nossa sociedade, especialmente com aqueles produzidos pelo racismo e, cada vez mais, pelo capitalismo global.

Ao problematizar a conivência social diante da existência de um sistema humilhante, violento que, além de violar os direitos humanos, opera como uma escola do crime, retroalimentando as taxas de criminalidade e gerando recorrentes

encarceramentos, Davis defende que, ao contrário do que comumente as pessoas presumem, a prisão não contribui com o aumento da segurança. Em seu livro *Estarão as prisões obsoletas?*, de 2018, ela traz para a discussão os interesses econômicos das corporações associadas à indústria da punição e escancara a íntima proximidade do trabalho realizado dentro dos sistemas prisionais estadunidenses com o trabalho escravo a partir da racialização do crime.

Ao tratar dessa tendência reproduzida ao longo da história de associar o crime à cor, o que não é um fenômeno que ocorre exclusivamente nos Estados Unidos e que, inclusive, é um dos fatores mobilizadores da luta antiprisional aqui no Brasil, a autora propõe pensar estratégias de desencarceramento como o principal objetivo de combate à crise do sistema prisional que encarca, sobretudo, corpos marcados pela raça, classe, gênero e sexualidade, e imaginar alternativas que possibilitem o abandono da ideia de punição como consequência inevitável ao crime.

A intersecção de vulnerabilidades delineadas pelos marcadores sociais é o que produz as categorias de corpos puníveis. Conforme Butler, é a partir desses enquadramentos que “atuam para diferenciar vidas consideradas valiosas, enlutadas, de vidas consideradas não passíveis de luto, cuja perda não é lamentada porque ela nunca contou de verdade como vida” (Schmaedecke, 2022, p. 125) que a precarização da vida é distribuída. Compreender as operações de poder, portanto, é crucial para compreender as motivações do encarceramento em massa. Nessa perspectiva, considerando que o sistema prisional não opera necessariamente a partir da lógica do crime como pressuposto para a punição, o combate à criminalização de comunidades, as campanhas de descriminalização do uso de drogas, da descriminalização de imigrantes sem documentos, além de programas de profissionalização e trabalho, salários dignos, programas de bem-estar social, de lazer, entre outros, fazem parte do conjunto de “passos preliminares para a abolição” (2018, p. 90) trazidos à tona por Davis.

Somam-se a eles, inclusive, a interrupção da construção de novos presídios – como forma de romper com a lógica segundo a qual a ampliação do número de presídios resulta no aumento do encarceramento – e o desencarceramento de pessoas que não representam risco à sociedade, mediante a revisão de sentenças fundamentadas na criminalização da pobreza e na racialização do crime.

O abolicionismo penal nesse sentido, como uma luta fortemente encamada por ativistas, familiares de pessoas presas, egressos e membros de movimentos sociais e de direitos humanos, não combate apenas a lógica que produz um modo específico de encarceramento, vinculando crime e castigo. Não se trata de uma luta isolada contra o sistema de justiça criminal punitivista, nem tampouco de um movimento reformista, que proponha melhorias no sistema prisional existente, como já foi dito. O abolicionismo parte do pressuposto de que não há o que possa ser reformado em um sistema que contribui com o abismo social, que funciona como um depositário de sujeitos indesejados, com os quais o sistema não quer lidar, e que foi criado para castigar corpos. Diante da falência do sistema prisional, o que Davis, junto a outros ativistas abolicionistas penais defende, é o fim das prisões (Schmaedecke, 2025, p. 87-88).

As práticas de resolução de conflitos e a justiça restaurativa ou transformadora, cujo foco é atender às necessidades e aos direitos das vítimas – quase sempre ignoradas no sistema de justiça tradicional –, são alternativas lançadas por movimentos abolicionistas ao sistema punitivista operante. Com a proposta de remover a relação entre justiça e vingança na resolução de conflitos, a justiça restaurativa é uma técnica que se aplica a partir do diálogo entre os agressores e as vítimas, em um processo colaborativo e comunitário que determine a melhor maneira de reparação da vítima e responsabilização do ofensor, assumindo compromissos futuros que efetivem essa reparação.

Como método de resolução de conflitos, a CiA dXs TeRrOrIsTaS adotou a prática da justiça restaurativa para tratar as inúmeras situações de crises extremas que ocorreram durante os processos de criação do espetáculo *Anjos de Cara Suja*, permeado por diferentes formas de violência, incluindo ameaças, acusações, furtos, recaídas com drogas, bem como agressões físicas e verbais. Ao lidar “com corpos dissidentes e potencialmente vulneráveis a processos conflituosos”, a Cia comprehende que é seu papel, na luta pelo fim das prisões, buscar “formas comunitárias e coletivas de resolver conflitos de forma não punitivista” e produzir

[...] materialidades artísticas equivalentes a arsenais bélicos que contribuem com movimentos sociais na busca pela garantia de humanidade e dignidade a todos, como também na criação de novas possibilidades de existência e resistência às participantes dos projetos, a partir dessas mesmas produções arsenais (Schmaedecke, 2025, p. 90).

Para isso, a Cia escolhe como metodologia de trabalho criativo abolicionista as ficções visionárias de Walidah Imarisha², gênero literário que o coletivo utiliza no campo das artes da cena como um exercício de formulação de “imaginários políticos” (Gaulês, 2023b, p. 207) abolicionistas. Assim, como metodologia, as ficções visionárias são apropriadas para inventar maneiras de imaginar futuros mais justos e possíveis, nos quais, por exemplo, não haja mais prisões. Foi, portanto, a partir da proposta de criação de uma ficção visionária, com o objetivo de contar histórias de transformação por meio das quais fosse possível promover a mudança de todo um coletivo, na reescrita de futuros dentro e fora da cena, que a dramaturgia e a montagem do espetáculo *Anjos de Cara Suja: o sol é ou deveria ser para todas* foram pensadas.

O espetáculo conta a história de seis sobreviventes do sistema prisional dividindo com o público suas experiências em comum vividas no cárcere, onde a reinvenção da ideia de afeto torna-se uma necessidade de sobrevivência. Escrita por Lígia Souza a partir das histórias vividas por Mônica, Ema, Natasha, Carla, Ndudzo e Savannah, após pouco mais de seis meses de convívio da dramaturga com essas seis mulheres trans e travestis sobreviventes do sistema prisional, *Anjos de Cara Suja* traz reflexões críticas acerca da manutenção da “estrutura desumana e humilhante que caracteriza a organização do sistema prisional, deslocando-a para a cena por meio de depoimentos reais” (Schmaedecke, 2025, p. 92). Dessa forma, o espectador é diretamente confrontado com a situação apresentada em cena diante de testemunhas reais, o que aproxima o teatro da dimensão pública.

A teatralidade, como dispositivo que atravessa o teatro e o transcende para essa dimensão da esfera pública, é o que caracteriza o trabalho da Cia. É a necessidade de se posicionar politicamente, de resistir e de lutar pelo fim do sistema prisional, patriarcal e heteronormativo o que mobiliza o coletivo a criar terrorismos poéticos a partir da relação com o outro. É dessa aproximação entre arte contextual e relacional que emergem além das materialidades artísticas, possibilidades de produção de autonomia e bem viver; formação e produção de imaginário político; e transformação social, fazendo da CiA dXs TeRrOrIsTaS um coletivo de

2 Walidah Imarisha é escritora, artista, abolicionista penal, professora da Universidade de Portland, em Oregon, Estados Unidos, criadora do gênero literário **ficções visionárias** e coeditora da antologia *Octavia's brood: science fiction stories from social justice movements* (2015).

artivismo cujo engajamento político, como forma de resistência, se mistura as formas de vida (Schmaedecke, 2025, p. 93).

A montagem do espetáculo, eixo estruturante do projeto *Fractos Corpografados*, contava com três encontros semanais e uma bolsa em dinheiro às participantes. Contudo, embora o espetáculo tenha sido construído a partir dos relatos de sete sobreviventes do sistema prisional, somente seis permaneceram até a conclusão e publicação da dramaturgia e apenas três participaram das temporadas em cartaz. Nas vésperas da estreia de *Anjos de Cara Suja: o sol é ou deveria ser para todas*, que ocorreu em 31 de março de 2023, no Centro Cultural Olido, em São Paulo, metade do elenco se retirou, e o grupo restante precisou adaptar a montagem. Essa impermanência das integrantes do elenco, composto por pessoas em vulnerabilidades interseccionais, fez parte de todo o processo de criação do espetáculo, o que foi um dos maiores desafios enfrentados pela Cia.

Considerações finais

Em junho de 2024, após mais um desmembramento do elenco, nasce a desmontagem de *Anjos de Cara Suja*, agora com apenas uma atriz em cena performando identidades coletivas. Nas duas versões do espetáculo, no entanto, a plateia é convocada a lidar de forma coletiva com as ausências de todas aquelas que construíram a narrativa do espetáculo, mas que optaram pela desistência do projeto. Para lidar com essas lacunas, a dramaturgia foi adaptada, atribuindo à plateia uma parcela de responsabilidade por essas ausências. Partindo do princípio de que a prisão é uma questão que concerne a todos os que estão em liberdade, uma vez que o encarceramento só se sustenta porque há sujeitos livres que o legitimam, a alternativa encontrada foi convidar o público, por meio da leitura do texto dramatúrgico, a assumir o papel de quem por algum motivo não estava mais ali. Essa solução fez com que essas ausências não fossem esquecidas, nem culpabilizadas ou ignoradas, mas lembradas em suas potências.

A partir da “escolha pelo não silenciamento da pluralidade de vozes que foram gritadas ao longo do processo criativo do projeto *Fractos Corpografados*,

agora ecoadas pela presença persistente de Carla Mendes" (Schmaedecke, 2025, p. 97), o trabalho da CiA dXs TeRrOrIsTaS permanece existindo. É a construção desses corpos políticos o que impulsiona e fortalece a poética abolicionista da Cia, cujo trabalho propõe promover transformações sociais e mudanças no modo de fazer justiça, atitude que evidencia o comprometimento político das TeRrOrIsTaS na construção de mundos sem prisões.

Bibliografia

- BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**: Quando a vida é passível de luto? 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.
- CIA DXS TERRORISTAS. **O que é terrorismo poético?**. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://www.ciadxsterroristas.com/terrorismo>. Acesso em: 30 ago. 2024.
- CORNAGO, Oscar; FERNANDES, Silvia; GUIMARÃES, Julia. **O teatro como experiência pública**. São Paulo: Hucitec, 2019.
- DAVIS, Angela. **Estarão as prisões obsoletas?** Rio de Janeiro: Difel, 2018.
- DIÉGUEZ, Ileana. Um teatro sem teatro: a teatralidade como campo expandido. **Sala Preta**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 125-129, 2014.
- FERNANDES, Sílvia. Teatro expandido em contexto brasileiro. In: CORNAGO, Óscar; FERNANDES, Silvia; GUIMARÃES, Julia. **O teatro como experiência pública**. São Paulo: Hucitec, 2019. p. 64-85.
- GAULÊS, Murilo Moraes. FRACTO 111: uma experiência sobre estéticas insurgentes e o abolicionismo penal. **Sala Preta**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 190-213, 2023b.
- IMARISHA, Walidah. **Reescrevendo o futuro: usando ficção científica para rever a justiça**. Tradução de Joat Mombaça. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2016. Disponível em: https://issuu.com/amilcarpacker/docs/walidah_imarisha_reescrevendo_o_fut. Acesso em: 20 jun. 2023.
- MARTINS, Leda Maria. **A cena em sombras**. São Paulo: Perspectiva, 2023.
- SCHMAEDECKE, Thaisa. Entre o real e o performativo: precariedades na cena e na vida. **Revista de Historia de las Prisiones**, [s. l.], n. 15, p. 121-134, 2022.
- SCHMAEDECKE, Thaisa. **Teatro e cárcere**: a dimensão pública da obra da CiA dXs TeRrOrIsTaS. 2025. Dissertação (Mestrado em Artes da Cena) – Escola de Música e Artes Cênicas, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2025.